

Arquivo
dos Diários



TT

M



THROUGH
THE MEMORIES



26.28 JUNHO
ITALY • GERMANY • PORTUGAL

INTO THE HEART OF MEMORY

Ana Filipa Flores e Sandra Oliveira

PARTICIPATORY PHOTOGRAPHY

WHAT IS IT

Participatory photography is a collaborative participatory methodology in which participants are supported in generating their own photographic work in order to share lived experiences and present the world as they see it.

BERLIN

Making sense through the memories of the berliners



BERLIN

Portuguese and Italian participants, a joyful encounter



WORKSHOP

Lisbon's activities products



Livre circulação entre as fronteiras do passado. Um olhar para o lado oposto, durante a separação da cidade.



Uma viagem de metro através de uma cidade com história.



Memórias da 2ª Guerra Mundial através de arte moderna, representação do sangue humano derramado pelos nazis devido à ideologia implantada por Hitler.



Tentativa de decifrar uma rede complexa e extensiva de caminhos possíveis a seguir. Possibilidades de acessos que durante o muro não existiam.



A reunião de três nacionalidades de volta de uma mesa alemã. Berlim sempre foi uma cidade multicultural e a sua história faz com que isso não se perca no tempo.



Estórias de vida e outras estórias interessantes que não são contadas pela grande história. Memórias em Ta mão que não durarão para sempre, há que saber aprender com elas e guardar um pouco dessas memórias nas gerações futuras para que estas memórias não se desvançam no tempo.



Convívio, troca de memórias e estórias de quem presenciou a separação agressiva de uma realidade através do muro de Berlim.



Vestígios de um tempo em que o horizonte era um muro de betão. A presença física de quem construiu o muro permanece no local através dos tijolos e betão de que é feito o muro.

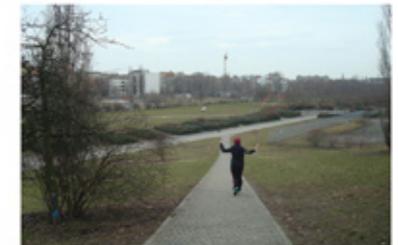
Autor: Stéfano Lança



Faltam umas quantas sobreposições de bandeiras... Sobre-tudo mais riscas horizontais brancas e vermelhas e muitas mais estrelinhas, entre as 50 e 60... mais colca menos colca. Existe alguma bandeira para o "ser humano"? Ou será a junção de todas elas? E resumidamente nestas 2?



As "Walls" de hoje..



Tratada em Photoshop para parecer uma foto antiga e podia muito bem ser o momento em que a senhora corre para contar aos amigos e familiares o acontecimento. A queda do muro de Berlim.



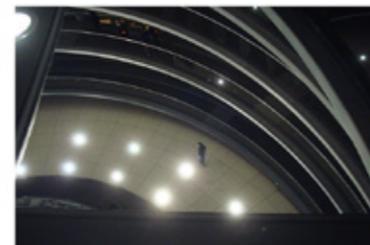
Vamos-nos todos conhecer! Olá rabo, olá rabo.



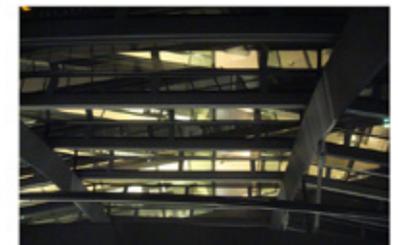
Quase literalmente, Que se "Iixem" as Walls!



A memória. Reconstrução da Igreja destruída pela guerra.



Algures entre o Tron e o Matrix, num não lugar. O Parlamento.



Autor: João Martins

WORKSHOP

Lisbon's activities products

Título: Um morto visto de perto
 Autor: Paolo Clotti
 Data: 14 de Julho de 1915



No dia 14 vou ao posto avançado para inspeção. O inimigo diz dispara continuamente, mas faço uma descoberta macabra; encontro um morto da segunda companhia. Tem uma perna estroçada por um rebentamento; o sangue gruma-se tão demoradamente que parece jorrar ainda fresco; a face continua curada de um vermelho fogo, os olhos estão arregalados. As moscas agitam-se-lhe nos pelos da barba arruivada, dando a impressão que a barba se move e que os olhos também fitam, vivos. Mandei-o sepultar lá perto e na vala coloquei uma cruz improvisada.

Título: Piolhos de todas as cores
 Autor: Francesco Ferruccio Zattini
 Data: 8 de Março, 1916



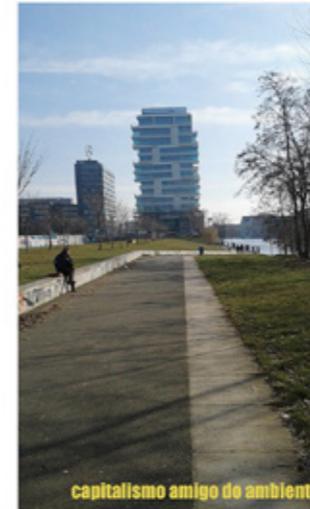
(...) O resultado foi surpreendente. Habitantes mais numerosos do que o previsto e previsível, mas por verdadeira sorte, nas primeiras duas camisolas não havia nenhum, tal como nas cuecas que tinha por cima. Na camisola de ciclista em contacto com a carne, comeci a contagem. Depois de contar 43, parei e atirei a camisola para a neve. Nas cuecas, quantos havia? Não saberia dizer; não só havia batalhões deles, como também pareciam marchar em pelotões alinhadas como quando se toma de assalto uma posição. Havia os pretos, os brancos com um ponto negro no meio, os brancos que se confundiam com a lá. Havia, em suma, a representação de todos os habitantes das cinco partes.(...)

Título: Fomes e ciúmes
 Autor: Gino Frontali
 Data: junho de 1915



(...) Depois chegaram-lhe notícias melhores e nunca mais apareceu na consulta. São quase todos ligados à família de uma forma comovente. Vivem aguardando o postal de casa. Mas da guerra, experimentam uma única coisa: o desejo que acabe.

Autor: João Martins



Autor: Gonçalo Folgado



A ponte da primeira travessia
As pontes são um símbolo de comunicação e diálogo, e neste primeiro dia de exploração de Berlim, ouvindo a introdução histórica e depois os testemunhos, senti que a cidade começou a comunicar consigo. Esta ponte marcou também um acontecimento fundamental na viagem: o momento em que conhecemos Helga, a nossa tradutora, e também ela representando uma ponte entre nós e os nativos. Parte é o espelho onde nós próprios nos refletimos.



A data da Queda do Muro
Registada na face do muro no local onde ele primeiro foi destruído. Tal como nessa data, no dia em que tive esta fotografia vivia-se um clima de esperança e curiosidade, ao mesmo tempo que sentíamos algum receio e incerteza quanto ao que nos esperava. No nosso caso, o espírito de partilha que reinava e que tentávamos fomentar com alemães e italianos, sobrepunha-se à qualquer incerteza e a qualquer muro linguístico ou cultural.



Diferenças
Entre a pedra, cimento e rebitado verde. Entre as culturas do Sul, os germânicos bronzeados e a necessidade de calor e proximidade, e a cultura alemã com os seus cabelos claros e o distanciamento emocional e desconfiança em relação ao desconhecido. Nesta fotografia, o Gencalho, português, e a Jester, alemã, estão do mesmo lado do muro. Nesta viagem ambos sentiram dificuldade em comunicar e adotar hábitos das culturas um do outro, culturas essas que podem à primeira vista assemelhar-se mas, são tão diferentes. De certa forma, estarem do mesmo lado representa a necessidade de altruísmo e de nos colocarmos do lado da outra pessoa para que haja comunicação e partilha de experiências. Só assim, juntos, é possível olhar por cima dos muros e ultrapassá-los.



O único muro, e ali esse era pequeno, foi a linguagem. As diferenças entre mim e a Laura eram claras, mas as semelhanças eram mais importantes e a partilha de experiências fluía naturalmente. E o muro? Esse estava apenas no cenário.



Liberdade
Esta vista do comboio, no dia da nossa partida, transmite-me liberdade para circular, algo que durante a viagem não nos foi fácil de conseguir. Liberdade para circular, tal como o rio que outrora barreiras que agora facilitam a comunicação entre duas margens. Se as pessoas de ambas as margens tiveram liberdade, talvez acabem por se juntar no rio e seguir juntas rumo ao mar, ou a um futuro maior.



Terras de ninguém
"Aconteceram coisas que nunca pensei serem possíveis" (texto "1991") As diferenças na arquitetura e organização entre Este e Oeste não pareciam tão óbvias quanto estavam à espera, pois hoje em dia a arquitetura moderna domina a maioria das zonas da cidade. O que me intrigou e perturbou foi toda a zona não edificada, deserta e "abandonada" onde outrora estava o Muro de Berlim. Este não me pareceu um qualquer terreno abandonado na cidade de Berlim, mas sim um vazio deixado por outra Berlim, como uma lembrança de outra cidade.



Opinião condicionada, há condições para ignorar?
Sabendo que a Queda do Muro trouxe tanto boas como más novidades ao lado Este, porque é que ainda hoje se vê este acontecimento apenas como algo positivo? Não será esta opinião condicionada por memórias transmitidas de geração em geração quase como "propaganda" de libertação? Parece que o desemprego e a discriminação foram esquecidos, mas não pela geração que viveu a Queda na Berlim-Este...



Muros de todos os formatos e de todas as cores
Tal como o Berliner Mauer, é importante apercebermo-nos dos outros muros pelo mundo fora. Existem e existirão sempre muros entre povos e entre pessoas, mas cada viagem, cada novo amigo, cada desafio de vida e cada revolução, são muros a ser ultrapassados. Cabe a cada um de nós escolher viver com eles ou ajudar à sua destruição.



A data da Queda do Muro
Registada na face do muro no local onde ele primeiro foi destruído. Tal como nessa data, no dia em que tive esta fotografia vivia-se um clima de esperança e curiosidade, ao mesmo tempo que sentíamos algum receio e incerteza quanto ao que nos esperava. No nosso caso, o espírito de partilha que reinava e que tentávamos fomentar com alemães e italianos, sobrepunha-se a qualquer incerteza e a qualquer muro linguístico ou cultural.



Curriculum Vitae
1961 1962 1963 1964 1965 1966
1967 1968 1969 1970 1971 1972 1973
1974 1975 1976 1977 1978 1979 1980 1981
1982 1983 1984 1985 1986
ESCAPE is a highly useful...
Liberdade. A palavra que, a meu ver, simboliza esta ponte, ou melhor, deveria ser o seu nome. Foi a primeira ponte que, após a queda do muro de Berlim, as pessoas puderam passar livremente. Um passo para a liberdade oculta e privada durante tantos anos.

Autora: Joana Miranda



Um pedaço da história repleto de memórias obscuras, de privações, de medo, fúria, raiva, saudades, tristeza, de sonhos perdidos, de uma separação que foi contra todos os direitos individuais e coletivos de uma sociedade. Faz-me pensar, na capacidade que o ser humano tem de sobreviver às condições económicas e políticas às condições sociais de um povo; a capacidade que o ser humano tem de sobrepôr objetivos individuais ao bem-estar coletivo de um povo; a capacidade em que o ser humano tem em não pensar no outro. Mas este outro, que muitas vezes ignoramos e colocamos de parte é o espelho onde nós próprios nos refletimos.



9 de novembro de 1989 a data que marcou um povo, um país, o mundo. Um pedaço de betão com 155km de comprimento e 28 anos de existência caiu, a 9/11/1989, tornando não só com a divisão da Alemanha, mas também com a divisão da Europa. Como é possível um simples dia trazer consigo uma mudança de séculos, diversas alterações económicas, políticas e sociais e mesmo assim, ser o dia mais desejado em 28 anos? Finalmente, a 9/11/1989 o povo saiu à rua e festejou, o povo teve o que mais ansiava, mas será que os problemas permanecerão? Será que as diferenças que os separavam morreram neste dia?



Uma rosa branca, um eterno lutador e revolucionário, possivelmente um fora da lei, que lutou contra uma ideologia em função dos seus sonhos e, por ter sido assim - pelo menos como eu imagino - , perdeu a vida. Mas, o ponto principal desta fotografia é a rosa branca, de cor de paz, mas também de cor da saudade, tristeza e amor, colocada por alguém ferido e de coração vazio que, ao fim destes anos todos, continua a relembrar o passado e não deixa de demonstrar o amor, carinho, saudade que tinha e tem por este jovem. Ao fim destes anos todos, há sentimentos que nunca morrem e isso, a queda do muro não conseguiu apagar.



Três países, três nacionalidades, três culturas, cerca de trinta pessoas, todas diferentes, mas todas por uma causa. Conhecer uma realidade que nunca vivemos, que nunca vamos poder viver, partilhar vivências, memórias, conhecimentos, mas acima de tudo, partilharmos as nossas diferenças e aprendemos a lidar com elas.



Um passado, um muro, duas ideologias, o mesmo país, a mesma cidade, as mesmas pessoas? O passado mudou, e aquilo que nos faz ser o que somos hoje, marca a nossa forma de pensar e de agir e, por vezes, torna-se difícil mudar certas mentalidades.



Um passado, uma separação. Um presente, uma separação? O distanciamento entre nós, pessoas, quer do mesmo país, quer de outro, é criado, muitas vezes, devido a fatores históricos e culturais do passado de cada um (país). Será que esse passado, essa separação, ainda está vinculada na cultura alemã? Para mim, sim, dividida, mas apenas em determinadas gerações.



Liberdade. A palavra que, a meu ver, simboliza esta ponte, ou melhor, deveria ser o seu nome. Foi a primeira ponte que, após a queda do muro de Berlim, as pessoas puderam passar livremente. Um passo para a liberdade oculta e privada durante tantos anos.



Parece apenas um grupo de pessoas em grupo a ouvir explicações de alguém ou orientações, ou que estão todos apenas reunidos porque sim. Parece, mas não é, apesar de dizer que sim. Esta fotografia esconde uma história obscura, negra. Foi neste dia que fiquei a saber que como um simples rio pode esconder um passado tão sangrento. Este rio, que possivelmente não é visível na fotografia, separava a Alemanha do Leste e Alemanha do Oeste e todos, volto a repetir, todos que o tentassem atravessar eram mortos. Sim, morreu! Não sei o nome do rio, mas se cair devasta sabão, no entanto, pouco me importa, porque para mim deveria chamar-se rio vermelho, ou rio sangrento, ou rio devastador, ou rio assassino, ou rio... Poderia continuar, mas acho que já perceberam onde quero chegar.



Poderia falar apenas do que foi o Checkpoint Charlie, mas esta imagem não me transmite nada disso, transmite-me a nossa liberdade, a nossa noite livre e o quanto nós, portugueses, desejamos enquanto grupo. Sim, podemos passear um ter um plano, andar devagar ou depressa, parar aqui e ali, brincar às escondidas em sites que provavelmente não devíamos, mas foi tão divertido. Sim, foi a nossa noite e acho que este sentimento que tenho, acerca desta última noite em Berlim, ultrapassa qualquer ponto histórico do Checkpoint Charlie.

Autora: Joana Bem

WRITING ACROSS THE WALL

Paola D'Agostino

Sharing notebooks and pictures with:

Amaia Iglesias

Gonçalo Folgado

Joana Bem

Joana Miranda

Joana Martins

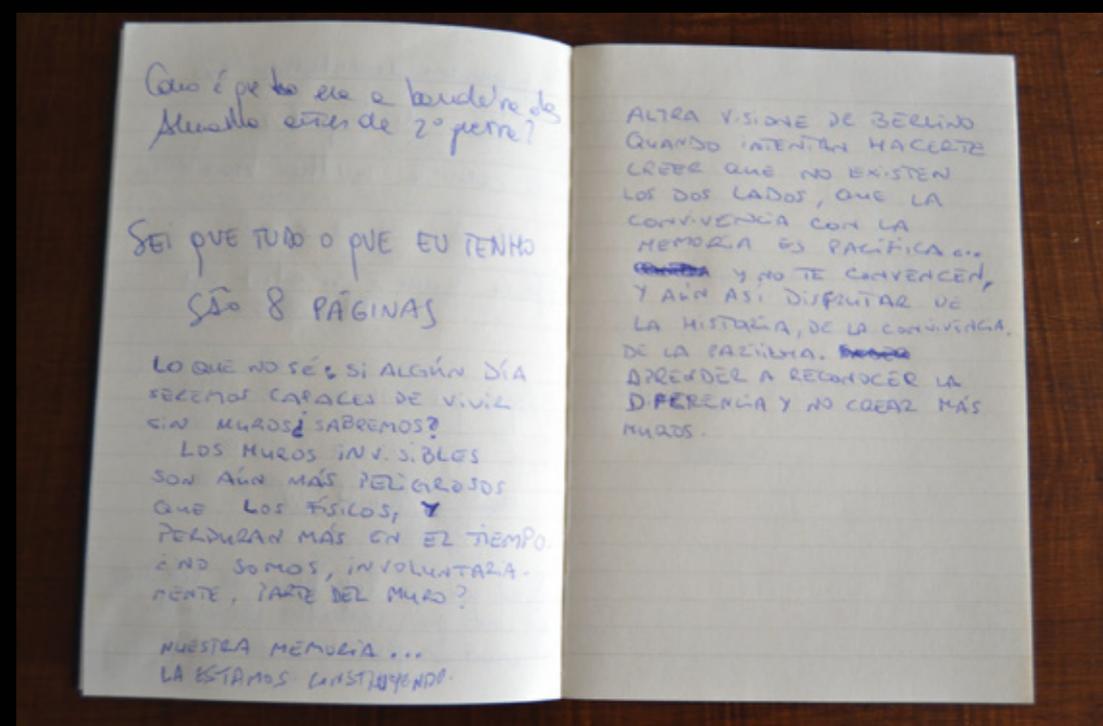
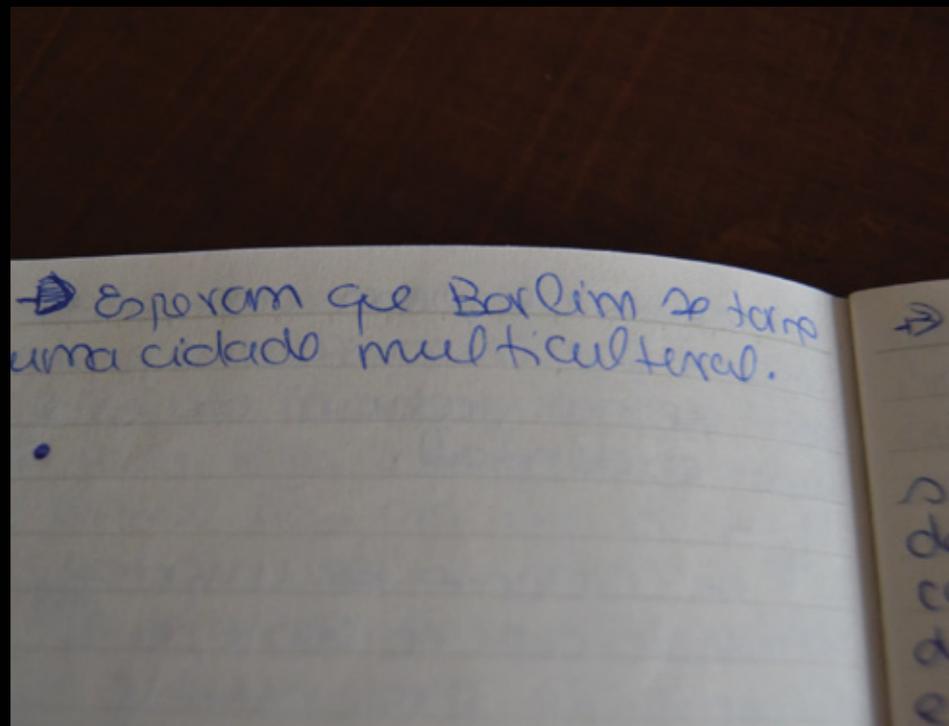
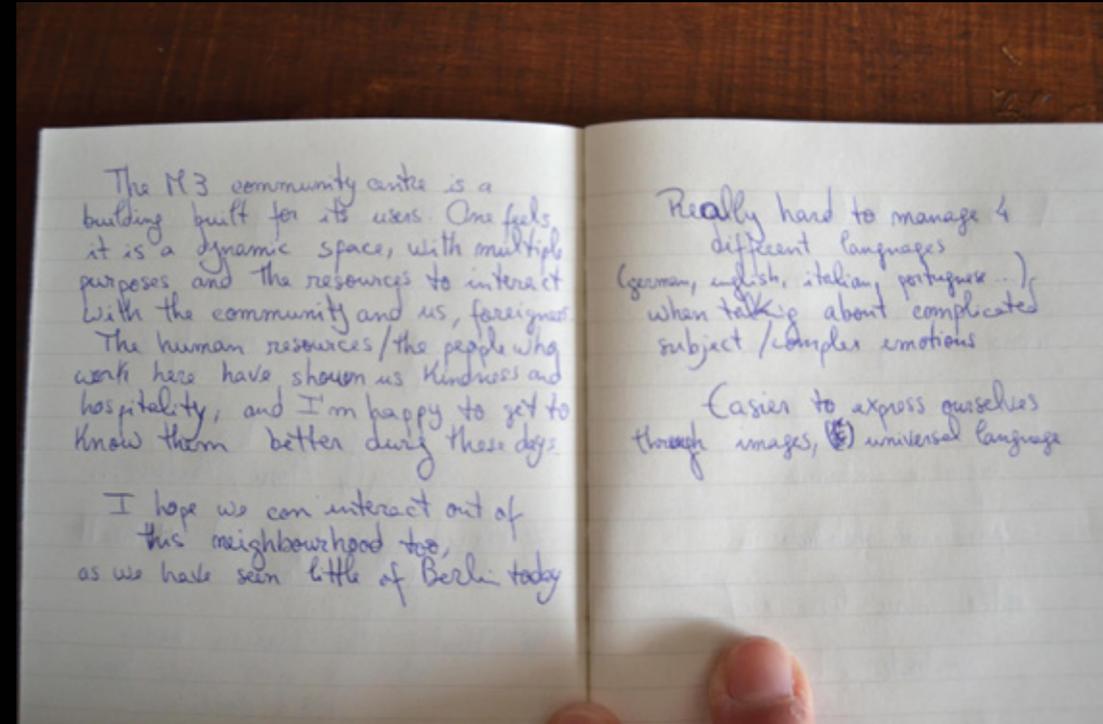
Stefano Lança

ANSWERING TOGETHER TO THE FOLLOWING QUESTIONS:

- What do I know about Wall(s)?
- What don't I know?
- What would I really know?
- What will they never tell me?

WORKSHOP

Writing a Journey around Berlin Wall



WORKSHOP

Writing a Journey around Berlin Wall

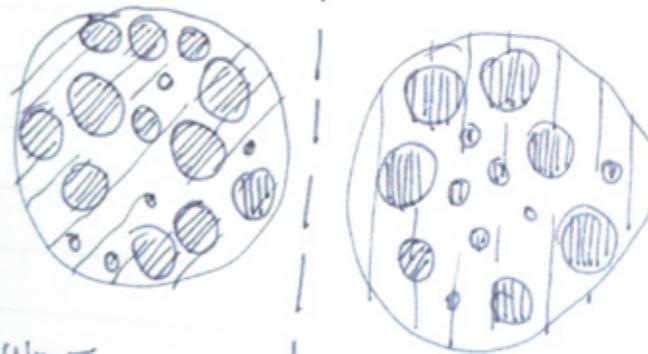
Qual a principal diferença entre os alemães de leste para os de oeste?

O que leva a uma conscientização coletiva de querer fazer um muro para além das coisas?



• Choque ideológico que até hoje se mantém refletido nas relações ~~mas~~ velhas

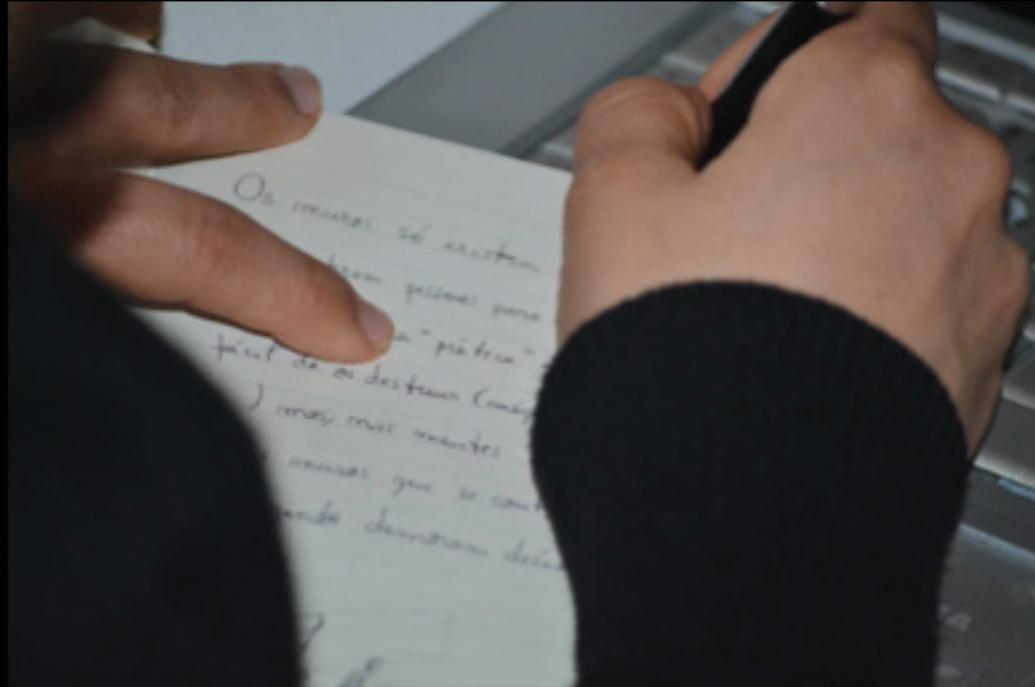
• Relação de afetos os laços que apontam para um distanciamento social e sociológico entre peers



West

WORKSHOP

Writing a Journey around Berlin Wall



An idea, big or small,
changes the world

if enough people
think it makes sense

(pensamentos que
surgem da reflexão sobre
a 2ª Grande Guerra)

All walls test our will's strenght.

If one's will is strong
enough, that person
can bring walls down

THE PLACES OF MEMORY

Roberto Falanga

Works produced by the students of Social Sciences 2014/2015 at the School of Architecture, Catholic University of Viseu.

Students have been compelled to reflect on both social meanings and impacts of three historical events.

Students have been finally demanded to 'reinvent history' through spatial metaphors.

THREE HISTORICAL EVENTS

1. First World War
2. Fall of the Berlin Wall
3. Carnation Revolution

SOCIAL SCIENCES, ARCHITECTURE, AND MEMORY

- Each event is about History and stories
- Social sciences aim to make sense of both. It implies looking at the micro-stories hidden behind the History.
- Architecture is the science of space. As such, it implies looking at and understanding the world we live in and its complexity.

THE SPACE AS A METAPHOR

Space is not only 'what' we see as real. Space is also a gatedoor to understand the ways societies live. In other terms, space tells us something about History and stories.

What is the metaphorical function of the space in the three events?

THE POSTER

- Free structure (at least 3 images)
- Creative writing
- Impersonification of the writer
- Free title (containing the proposed metaphorical space)

THE POSTER IN DETAIL

Who?

Social actors, groups, community

Where?

Space

What?

Social action

THE FIRST WORLD WAR AND THE FOXHOLE

- The isolation of the individuals
- The places of the war
- The ways individuals face isolation

THE FALL OF THE BERLIN WALL

- The division of the groups
- The Wall and its places
- Overcoming divisions

THE CARNATION REVOLUTION AND THE SQUARE

- The union of the community
- The places of the revolution
- The (new) sense of belonging

THE POSTER

First World War



A GUERRA MUDOU

A guerra mudou, a guerra e o seu desmedido consumo de vida humana tornou-se numa máquina bem oleada. A guerra mudou, mecanizou a minha sociedade, industrializou o meu lar e deixou em combustão a minha vida e a dos meus companheiros.

Não podemos parar, parar é morrer. No entanto, mais cedo ou mais tarde, paramos. Paramos nas trincheiras, feridas da guerra talhadas na terra onde banha o sangue dos meus. São estreitas, frias, insalubres e agora, nosso único lar.

Soa o sino estridente, o inimigo é avistado, o perigo é eminente e a morte nos contempla. Ninguém quer ir, estamos todos cansados, só queremos ir para casa.

APENAS HUMANO

Do outro lado, estão homens que vestem outro emblema, defendem outras cores, obedecem a outras ordens, mas apesar de tudo, homens como eu. Somos dispensáveis aos olhos das nossas autoridades. A camaradagem fez-se numa vontade mútua de cessar as hostilidades da guerra deixando lugar a um jogo de futebol. Os nossos gritos de euforia e festejo não se fizeram ouvir pelo campo de batalha, mas o silêncio das nossas armas fez ainda mais "barulho".



A GUERRA CESSA, AS MARCAS PERDURAM

Voltámos a casa em muito menor número do que os que partiram. Eu já nada tinha, nem lar, nem rosto, nem identidade. Era visto como uma aberração, as pessoas que eu servi olham-me de lado sob pretexto das atrocidades que eu cometi, que o meu país me obrigou a cometer.

Para além dos danos físicos, nunca mais serei o mesmo. Visto uma máscara, tento esconder a ausência da minha carne, mas também da minha humanidade perdida. A cada bala disparada, um pouco de mim morria. Só queria voltar para casa, mas regresssei morto, sozinho, isolado do meu próprio lar. A guerra mudou e com ela, eu também.



ARMANDO COELHO - FICHA DO PLANO
CINEMA DA GILBERTO

Imagem utilizada da Exposição 1914 - Epifania do Século 474, no Estado da Arte, que decorreu de 19 a 27 de Março no Palácio de São João, Vila.

Imagem utilizada da Exposição 1914 - Epifania do Século 474, no Estado da Arte, que decorreu de 19 a 27 de Março no Palácio de São João, Vila.

1914-1918

A UMA TRINCHEIRA DO MEU PAI

A DESPEDIDA

"Vivem-se tempos difíceis, cresce e só um homem", disse-me meu pai quando pela última vez o abracei. Em Março de 1916 o meu pai embarcou no comboio para Lisboa onde se juntou ao exército para ir combater para África. Toda a Agitação que rodeou o embarque das tropas, fez-me acreditar que o meu pai era grandioso e que poderíamos fazer a diferença. Estava enganado, pouco após a partida de meu pai, vi-me sozinho com a minha mãe na nossa pequena casa de pedra a olhar para as nossas mãos vazias e para a miséria que nos rodeava.

Da miséria passou a fome e as carências aumentaram quando o governo proibiu as exportações dos produtos nacionais e das colónias. Ouvia a minha mãe dizer que já não podia comprar o pão, a falta de cereais tinha levado o governo a racionar os alimentos.

A SAUDADE

Lembro-me dos panfletos de mobilização das mulheres e crianças para a indústria: a falta de homens que cada vez mais morriam nas trincheiras obrigou a que as mulheres e crianças ocupassem os lugares na produção em massa de armas e alimentos para apoiar os soldados. Vi então uma forma de estar mais perto do meu pai que tinha partido para África. Enquanto eu trabalhava na montagem de armamento, minha mãe vendia flores nas ruas da cidade angariando dinheiro para ajudar os combatentes que voltavam mutilados da guerra.

Anos passaram, depois de muitas revoltas nas ruas, misérias, e mesmo fome, acordo um dia e vejo o meu pai devotado não pelas bombas mas pelo esforço de todos os portugueses em proteger as nossas colónias e os nossos homens.

O REENCONTRO

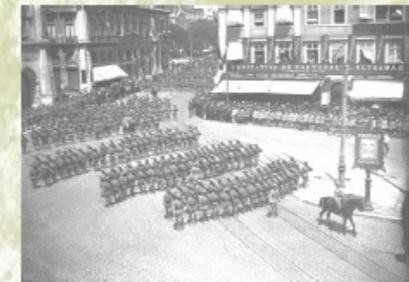
Em 1918 junto-me com milhares de outras pessoas em Lisboa ansioso por ver o meu pai: ao meu redor sinto um clima de alívio e angústia pelo regresso dos nossos pais e maridos. Mulheres choravam e gritavam enquanto aqueles heróis de guerra desgastados do combate desfiliavam perante todos. Recordo ainda hoje o meu espanto com a imponência dos edifícios e minha volta, as pessoas e o barulho do marchar vitorioso de todos aqueles homens. Tenho agora o meu pai nos braços, mas olho para aqueles rostos com uma alegria por regressar misturada com uma incerteza se deveríamos festejar ou lamentar todas as vidas perdidas e a devastação da Europa. Mas já posso sorrir, tenho de novo meu pai junto a mim.



UM ULTIMO ADEUS, PORTUGAL INVAZIDA OCUPADA PELO AUTOR DO TEXTO



INDUSTRIA EM PORTUGAL 1914, PORTUGAL INVAZIDA OCUPADA PELO AUTOR DO TEXTO



REGRESSO DAS TROPAS PORTUGUEAS A LISBOA 1918, PORTUGAL INVAZIDA OCUPADA PELO AUTOR DO TEXTO



Docente: Pedro Alexandre Fonseca Santos Docente: Professor Roberto Falanga
UNIVERSIDADE CATOLICA PORTUGUESA — VISEU — CIÊNCIAS SOCIAIS

THE POSTER

Fall of the Berlin Wall

BERLIN WALL
 CIÊNCIAS SOCIAIS DOCENTE: ROBERTO FALANGA
 M.I. ARQUITETURA ALUNO: MIGUEL PAIXÃO

The diagram consists of several stages connected by arrows. At the top, it shows silhouettes of people and flags for RFA and RDA. Below this is an equals sign, followed by a barbed wire icon and a house icon. A downward arrow leads to a cityscape with a dollar sign and a bar chart, and another icon of a person with a trash can. A second downward arrow leads to a man in a suit with a RFA flag, and a final icon of a group of people. To the right of the diagram are two photographs: the top one shows two young girls in dresses looking across a street, and the bottom one shows a woman holding a baby while sitting on a stone wall.

RELEMBRO NA NOITE DE AGOSTO DE 1989, QUANDO A CRISE DO SISTEMA SOCIALISTA DO LESTE DA EUROPA LEVOU A UM COLAPSO. A CRISE DO SISTEMA SOCIALISTA DO LESTE DA EUROPA LEVOU A UM COLAPSO. A CRISE DO SISTEMA SOCIALISTA DO LESTE DA EUROPA LEVOU A UM COLAPSO.

NO DIA 9 DE NOVEMBRO DE 1989 ACONTECEU O MUITO ESPERADO: COM A CRISE DO SISTEMA SOCIALISTA NO LESTE DA EUROPA E O FIM DESTA SISTEMA NA ALEMANHA ORIENTAL, O MEU POVO E O POVO DO OUTRO LADO DO MURO JUNTARAM-SE À DESTRUIÇÃO DO MURO COMO COMEMORAÇÃO AO EVENTO HISTÓRICO. ISTO NÃO REPRESENTOU APENAS O FIM DA DIVISÃO DE DOIS MUNDOS, COMO TAMBÉM O FIM DA GUERRA FRIA E O PRIMEIRO PASSO NO PROCESSO DE REINTEGRAÇÃO NA ALEMANHA. APARTIR DAQUI SIM, PASSEI A SENTIR LIBERDADE E LIBERAÇÃO ECONÔMICA. NUNCA ME SAIRÃO DA CABEÇA AS IMAGENS DA MULTIDÃO A DERRUBAR O MURO QUE NOS SEPARAVA. E O MEU IRMÃO A PARTILHO COM TODA A FORÇA PARA QUE O SOFRIMENTO ACABASSE E VOLTÁSSEMOS A TER A NOSSA FAMÍLIA DE VOLTA E RESPECTIVA LIBERDADE.

A VIDA DURANTE A EXISTÊNCIA DO MURO DE BERLIM

MAGEM 01 - A BARREIRA ENTRE FAMÍLIAS
 OLÁ, CHAMO-ME ADA E SINTO-ME MUITO REVOLTADA PORQUE ME DIVIDIRAM A FAMÍLIA. A CONSTRUÇÃO DESTA MURTO NÃO TROUXE PAZ NEM TRANQUILIDADE, APENAS A DIVISÃO DO MUNDO EM DOIS BLOCOS - O OCIDENTAL DEMOCRÁTICO CAPITALISTA E O ORIENTAL COMUNISTA (ESTE NÃO QUISERAM SABER DE OPINIÕES DO POVO). A 13 DE AGOSTO DE 1961, OS SOLDADOS DA ALEMANHA ORIENTAL OBRIGARAM AS PESSOAS A CONSTRUIR UM MURO COM ARAME FARFADO E BETÃO DOS LADOS ORIENTAL E OCIDENTAL DE BERLIM. QUEM TENTASSE FUGIR ERA MORTO DE MEDIATO. TENHO MEDO DE ANDAR NA RUA, E OS SOLDADOS A RONDAR NÃO PODEMOS FAZER NADA. O SIMPLES TOQUE NO MURO É UM PESADO. É UMA AMEAÇA. CUSTA-ME NUNCA MAIS PODER VER A MINHA FAMÍLIA NOVAMENTE.

MAGEM 02 - AS BRINCADEIRAS QUE FICARAM
 RELEMBRO OS TEMPOS EM QUE BRINCAVA COM O MEU IRMÃO E OUTROS MENINOS FORA DAS NOSSAS CASAS, COMO ERA BOM SER CRIANÇA NESTE MOMENTO QUASE NEM SAÍAMOS À RUA COM MEDO. E VIVEMOS UM STRESS DIÁRIO. SENTIMO-NOS PRESOS. ALÉM DISSO O MEU PAI TRABALHAVA NUMA FÁBRICA QUE FICOU DO OUTRO LADO DO MURO E POR ISSO ESTAMOS A PASSAR MUITAS DIFICULDADES E MISÉRIA. OS MEUS AVÓS QUE NOS AJUDAVAM QUANDO NÃO TINHAMOS O QUE COMER, TAMBÉM FICARAM SEPARADOS DE NÓS. DE UM LADO ESTOU EU E OS PAÍSES CAPITALISTAS OCIDENTAIS LIBERADOS PELOS ESTADOS UNIDOS. DO OUTRO LADO DO MURO TEMOS A MINHA RESTANTE FAMÍLIA, SOB A REGIDE DOS PAÍSES COMUNISTAS DE LESTE LIBERADOS, PELA UNIÃO SOVIÉTICA.

MAGEM 03 - A QUEDA DO MURO - FINALMENTE!
 NO DIA 9 DE NOVEMBRO DE 1989 ACONTECEU O MUITO ESPERADO: COM A CRISE DO SISTEMA SOCIALISTA NO LESTE DA EUROPA E O FIM DESTA SISTEMA NA ALEMANHA ORIENTAL, O MEU POVO E O POVO DO OUTRO LADO DO MURO JUNTARAM-SE À DESTRUIÇÃO DO MURO COMO COMEMORAÇÃO AO EVENTO HISTÓRICO. ISTO NÃO REPRESENTOU APENAS O FIM DA DIVISÃO DE DOIS MUNDOS, COMO TAMBÉM O FIM DA GUERRA FRIA E O PRIMEIRO PASSO NO PROCESSO DE REINTEGRAÇÃO NA ALEMANHA. APARTIR DAQUI SIM, PASSEI A SENTIR LIBERDADE E LIBERAÇÃO ECONÔMICA. NUNCA ME SAIRÃO DA CABEÇA AS IMAGENS DA MULTIDÃO A DERRUBAR O MURO QUE NOS SEPARAVA. E O MEU IRMÃO A PARTILHO COM TODA A FORÇA PARA QUE O SOFRIMENTO ACABASSE E VOLTÁSSEMOS A TER A NOSSA FAMÍLIA DE VOLTA E RESPECTIVA LIBERDADE.

THE POSTER

Fall of the Berlin Wall

Universidade Católica Portuguesa - Mestrado Integrado em Arquitetura Ciências Sociais - 2º Semestre Ano letivo: 2014 / 2015

O IMPACTO DO MURO

Lado Ocidental Lado Oriental

Legenda

- 1 - Parede frontal (Muro)
- 2 - Armadilha para tanques
- 3 - Pista Operacional
- 4 - Obstáculos para tanques
- 5 - Terrenos arados
- 6 - Cerca de alarme
- 7 - Parede interna
- 8 - Holofotes de 5 m de Altura
- 9 - Torres de vigia 190 unidades

Fonte: <http://www.museu.org.br/Article.aspx?i=558> / Adaptado pelo autor do poster

13 de Agosto de 1961, data que nunca poderei esquecer, apenas com 10 anos foi retirado o meu pai da minha vida, uma das pessoas que mais amava, foi separada de mim por um muro alto e sem fim, às vezes ainda parecia que o ouvia do outro lado a chamar por mim. Mas a minha mãe dizia que não era possível, e que nunca mais o iria ver nem ouvir. Eu bem perguntava o porquê mas ela não me sabia responder, apenas me dizia que as pessoas do nosso lado, lado Ocidental não se puderam defender pois não sabiam o que ia acontecer e que tudo era por causa de divergências devido à Guerra, mas eu não percebia o que isso era, apenas queria o meu pai de volta. Era pequenina mas ouvia muitas pessoas a chorar pois também tinham perdido família, e ainda houve quem tentasse atravessar para o lado Oriental mas não conseguiram pois havia soldados a vigiar e muitas vezes já nunca mais os via, ainda me lembro que passamos muitas dificuldades pois éramos de classe social baixa como diziam e não tínhamos liberdade. Ainda havia movimentos coletivos como manifestações onde diziam que tudo aquilo era ilegal mas nada mudava.

Fonte: <http://www.paisomio.com/user/1410311/page/CONCELHO%20DE%20LISEM%20-%20PORTUGAL> / Adaptado pelo autor do poster

Acabei por crescer sem o meu pai, mas um dia mais tarde tudo mudou, outra data bastante importante para mim. A 9 de Novembro de 1989, finalmente vi o meu pai, no Ocidente tanto lutamos que conseguimos finalmente destruir aquele monstro que assombrava inúmeras famílias, foi a queda do Muro. A alegria sentia-se a toda a nossa volta, lágrimas corriam no rosto enquanto abraçava o meu pai que mal me reconheceu, pois já não era nenhuma criança, mas o sentimento de liberdade, os gritos, as alegrias eram imensas, que apenas conseguimos agradecer a nossa pastora por toda a força que nos deu.

A divisão espacial e simbólica tinha finalmente desaparecido, era a reunificação alemã. As pessoas conseguiram derrotar o separação em blocos, tudo muda, novas estruturas, melhoramentos económicos, e acima de tudo o fim de uma ditadura que destruiu famílias, mas acima de tudo que destruiu a vida, tudo isto passou a ser um único grupo com os mesmos direitos e com sentido de liberdade.

MURO DE BERLIM
 Levantado em 1961-08-13
 Derrubado em 1989-11-09

Obrigado, querido pastora por terdes guiado com carinho maternal os povos para a liberdade!

A queda do muro veio mudar toda a Europa não fomos só nós que nos voltamos a unir com as nossas famílias, eu com o meu pai, foi a nossa cidade que também mudou, já podíamos receber turistas, já podíamos fazer transportações e contar ao mundo como foram os últimos anos da nossa vida. Passamos dificuldades, cresci sem família, tinha uma mãe a sofrer e não tinha pai, mas ainda assim conseguimos vencer os preconceitos, conseguimos vencer a vida e conquistar a liberdade. Havia um elemento arquitetónico que me separava fisicamente do meu pai, mas acima disso separava a cidade, separava a vida, eram dois mundos, dois blocos distintos, mas a sua destruição levou a mudança da nossa vida, da nossa cidade, levou a junção daquilo que nunca devia ter sido separado. Mas acima de tudo a Queda do Muro fez com que pudéssemos mostrar ao mundo que a união faz a força, que a união das pessoas e a luta por aquilo a que tem direito, acaba por ter resultados positivos apesar de todo o sofrimento que passaram. A participação pública na luta contra uma ditadura e um repressão é a maior força de uma sociedade. Quando construíram o muro ainda não tinha capacidade de entender o que se passava mas os anos passaram e fui começando a entender, as manifestações aumentaram e finalmente percebi, que a sociedade unida pode mudar o rumo da história, e foi esta união que me voltou a juntar com o meu pai, o meu herói.

Fonte: <http://150anos.dn.pt/2014/07/31/1989-queda-do-muro-de-berlim/>

Docente: Roberto Felício DISCENTE: IDIVANE APARÍCIO



THROUGH THE MEMORIES

Marco Gomes

GOALS

Telling stories through other stories. Photographing states of mind through past experiences. Communicate with happenings. Reworking individual and collective memories.

SOURCES

- Autobiographical testimonies of Italian soldiers of the Great War and German citizens involved in the Cold War experience
- Social representations and reading frame of the Portuguese students about the First World War and duration and fall of the Berlin Wall

METHODOLOGY

- Free choice of methods and languages in the context of the remembrance activities
- Framed in the activities of the curricular unit Psychopathologies and Psychological Intervention, of the Polytechnic of Leiria, it was requested the realization of a work in group, in order to relate psychopathology with potentially traumatic situations. It is important to point out that, from this academic exercise, we cannot draw any conclusions about psychopathological disorders. It is only an academic exercise

STUDENTS

- Nova University of Lisbon
- Polytechnic of Leiria

RESULTS

The remembrance of activities revealed the inspiration triggered by primary sources, the German and Italian experiences, and recovered the Portuguese participation in these great events, particularly in First World War.

RESULTS

The works are performed on video, text (poems and essays), photographs, drawings and academic exercises.

Poema de amor escrito por uma mulher que anseia a chegada do marido que partiu para a guerra

Quando pego no lápis para te escrever
Sinto falta que chegue o novo amanhecer,
Pois com ele nasce a esperança de te voltar a rever.

Sinto saudades do teu abraço quando voltas da guerra.
Sinto saudades daquelas conversas onde contas tudo o que lá se passou,
Quando derramas lágrimas e vejo que nada mudou.

O MUNDO é cruel ao ponto de me deixar sem ti,
Olhar para o nosso mundo e ver que me perdi,
Pois a tua ausência deixa-me perdida assim.

RESULTS

The works are performed on video, text (poems and essays), photographs, drawings and academic exercises.



RESULTS

The works are performed on video, text (poems and essays), photographs, drawings and academic exercises.

THANK YOU

... HAVE A LOOK AT OUR
EXHIBITION AT LARGO
RESIDÊNCIAS

